



RELICI  
**O CINEMA NA SALA DE AULA (UMA EXPERIÊNCIA DE INICIAÇÃO À  
DOCÊNCIA)<sup>1</sup>**

*Larissa Martins Pedro<sup>2</sup>*

*Talyta Teixeira Thomé<sup>3</sup>*

*Daniela Arns Silveira<sup>4</sup>*

*Manuela Rossa<sup>5</sup>*

**RESUMO**

Neste artigo será apresentado o projeto intitulado “Cine 801: luz, câmera e ação”, com o tema cinema, realizado por duas acadêmicas do curso de Letras, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, por meio do PIBID. Para tanto, serão abordados aspectos conceituais do cinema, principalmente em sua esfera artística, colocando-o no nível de objeto central de estudo. Desse modo, o objetivo da proposta é fazer com que os alunos não vejam o cinema apenas como entretenimento, mas que consigam, a partir dos filmes, terem uma experiência estética relevante.

**Palavras-chave:** PIBID; Cinema; Arte.

**ABSTRACT**

This article aims to present the project called “Cine 801: luz, câmera e ação”, with the theme “Cinema”, realized by two Letters’s students of Universidade do Extremo Sul Catarinense, through PIBID. In order to do so, the conceptual aspects of cinema will be approached, mainly as art, placing it at the level of the central object of study. Thereby, the proposal is to make the students see the cinema not only as entertainment, but rather to attempt a relevant aesthetic experience.

**Keywords:** PIBID; Cinema; Art.

---

<sup>1</sup> Recebido em 02/04/2019.

<sup>2</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense. larimartins\_pe@hotmail.;com

<sup>3</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. talytatt@hotmail.com

<sup>4</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense. danielasilveira38@unesc.net

<sup>5</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense. manu.rossa@hotmail.com



RELICI

## INTRODUÇÃO

O presente artigo visa discutir questões pertinentes acerca do Cinema. Diante disso, abordará conceitos, formas e maneiras de compreender como esse tema é visto e entendido tanto no âmbito geral, quanto no âmbito das salas de aula. Para isso, tencionamos demonstrar a relevância do Cinema e a possibilidade de tornar-se objeto de estudo no meio escolar, ao invés de ser utilizado somente como ferramenta para determinados assuntos; assim, vira parte do currículo escolar, podendo estar em posições mais centrais dentro da sala de aula.

Quando se fala em cinema, geralmente, as pessoas vinculam ao espaço físico em que são passados os filmes ou esse como sendo algo momentâneo, uma prática de lazer – mesmo que também possa representar e represente isso. No entanto, é importante que a visão mais introdutória sobre o Cinema não o esgote, e que discussões acerca do tema possam ir além disso e passar a enxergá-lo como arte. No âmbito escolar, como citado acima, o cinema é utilizado como uma ferramenta de estudo, servindo, dessa forma, para reforçar ou introduzir conteúdos pragmáticos que serão ou foram abordados nas aulas seguintes ou anteriores.

A partir dessa inquietação, o artigo, por meio da investigação bibliográfica, é estruturado em seções que fazem profissionais da educação se indagarem sobre as suas práticas e sua relação com o cinema em sala de aula, com discussões como: O que é cinema?; O cinema enquanto objeto interdisciplinar; O cinema na sala de aula. Após essas reflexões, será abordado o projeto que foi desenvolvido com o cinema em sala de aula, por duas bolsistas do PIBID (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência Interdisciplinar*, Larissa e Talyta, intitulado “Cine 801: Luz, câmera e ação!”, a fim de apresentar a experiência interdisciplinar do cinema e esse como objeto de estudo central de suas aulas.



RELICI

## O QUE É O CINEMA?

Tentar definir a palavra “Cinema”, do mesmo modo como se faz com a Arte no geral, é um desafio por vezes inviável. Desde que a sétima arte deu seus passos embrionários, com os irmãos Louis (1864-1948) e Auguste (1862-1955) Lumière, até as superproduções atuais, com seus leques infinitos de cores, temas, sons e efeitos especiais, o seu conceito enquanto arte, mas também enquanto indústria de entretenimento, vem sendo modificado e agregado. Não basta apenas relacionar a sétima arte a detalhes técnicos, tampouco a única e exclusivamente seus propósitos comunicativos; e, embora seja tentador recorrer a frases resumidas que tentam extrair a parte mais tangível do cinema, é preciso ter em mente que cercear as dimensões de uma arte de tal maneira só funciona bem longe da prática – ou nos filmes, já que na tela “tudo” pode acontecer.

Para Gilles Deleuze, in *L'image-temps*, (apud FERREIRA, 2011),

O próprio cinema é uma nova prática das imagens e dos signos, de que a filosofia deve fazer a teoria como prática conceptual. Pois nenhuma reflexão técnica, nem aplicada (psicanálise, linguística), nem reflexiva, basta para formar os conceitos do próprio cinema.

Ou seja, conceituar o cinema ultrapassa os limites das reflexões diversas que se têm atualmente. No entanto, apesar do estatuto heteróclito do Cinema, podemos traçar linhas gerais que vão de encontro à faceta que aqui nos interessa: a sétima arte não apenas como entretenimento facilmente comercializável, mas como experiência estética e artística, capaz de levar o espectador à catarse. Assim sendo, na tentativa de delinear o cinema da melhor forma possível, sem, no entanto, esgotá-lo, duas frases memoráveis de nomes ligados ao cinema, um literato e um cineasta, que inclusive foram utilizadas no projeto propriamente dito, podem ilustrar um pouco do que é o Cinema.

A primeira delas, de Umberto Eco, poeticamente citada à exaustão, trata-se de dizer que “O cinema é a mais poderosa máquina de contar mentiras que a



RELICI

83

humanidade já criou”. Ora, que se contam mentiras nas mais diversas artes já se sabe. Histórias que nunca de fato existiram, desde os mais absurdos contos de fadas de meninos que não querem crescer até as mais plausíveis histórias de amor; pinturas de relógios derretidos e rostos multicolores; canções que narram fatos jamais vividos e assim por diante. Mentir, na arte, é comum, e a verossimilhança é opcional.

No entanto, a segunda frase que aqui nos suporta, do cineasta vanguardista Jean-Luc Godard, diretor de filmes como *Acosado* (1959) e *O Desprezo* (1963), grandes títulos da *Nouvelle Vague*, diz que "Fotografia é verdade. Cinema é verdade vinte quatro vezes por segundo.". Tal pensamento, presente no longa-metragem de Godard intitulado *Le Petit Soldat* (1963), consegue expressar que o cinema é a realidade puramente materializada em um caminho, em uma linguagem ou em um veículo, adornado com suas próprias singularidades que o difere das outras artes. Esse caminho, por sua vez, consegue transpor as ideias e as intencionalidades do diretor para a tela, e o espectador vê e ajuda a construir, ali, a própria verdade em fotografias altamente planejadas, que se sucedem vinte e quatro vezes por segundo.

Ambas as reflexões levam-nos a pensar, à primeira vista, que o fato de o Cinema contar mentiras, mas ao mesmo tempo ser verdade, é algo paradoxal, já que nem sempre lidar com dualidades tal como verdadeiro vs falso é garantia de equilíbrio. Apesar disso, estudos sobre as artes e conceitos como “mimese” e “verossimilhança”, usados por Aristóteles para teorizar a tragédia, mostram que a arte também imita a vida, utilizando dela, ao menos, o material para que possa inovar dentro de seus domínios criativos.

Não obstante, mesmo que imite a vida, “o cinema não é, ou não é apenas e singelamente, um processo de captação e fixação da realidade, de uma realidade. Significa que o cinema é um processo de representação, de uma representação significativa filmicamente criada, que é também uma arte.” (FERREIRA, 2011, p. 13).



RELICI

84

Em outras palavras, o cinema abriga dentro de si quantidades harmoniosas de mentira e verdade: ele consegue, ao mesmo tempo em que conta uma mentira, representar a realidade, que nunca é propriamente real, mas uma interpretação verossímil, ou não, daquilo que encontramos invariavelmente no mundo: amor, ódio, dor, amizade e etc.

Por isso, conscientes da sua profundidade e de seus fins e significados múltiplos, assumimos o cinema como arte, como indústria, como história, como trabalho e como lazer, sempre procurando suscitar discussões da sua importância para a sociedade e de seus conceitos difusos. O cinema, por ser a mais poderosa máquina de contar mentiras e verdades vinte e quatro vezes por segundo, é uma arte completa, rica e interdisciplinar: de cores, de sons, de histórias e de sentidos, e justamente por isso é que foi levada para dentro dos muros da escola.

### **O CINEMA NA SALA DE AULA**

O objetivo de trabalhar com cinema na sala de aula, desse modo, está atrelado ao fato de, na maioria das vezes, os alunos verem os filmes com o objetivo único de entretenimento, sem perceber os aspectos que transitam nos mais variados âmbitos: Cinema pode ser arte, linguagem, lazer, comércio e, principalmente, pode ser objeto de estudo, não apenas ferramenta de aprendizado, como é comumente utilizado na sala de aula. Tendo isso em mente, o propósito principal do projeto é inovar a forma como os alunos veem o cinema, que, basicamente, em uma abstração conveniente, reduz-se à apreciação de filmes dos mais diversos gêneros, mas sem enxergar o Cinema como uma instância autônoma, com suas regras e suas peculiaridades, conforme vimos insistindo no decorrer do projeto.

O que nos interessa nessa seção é mostrar os aspectos qualitativos e quantitativos que fazem com que o Cinema seja um bom objeto de estudo e ensino. Primeiramente, é necessário frisar a relevância da utilização do tema “Cinema” como



RELICI

85

um elemento central. Ao elevar a sétima arte para o centro das aulas exclui-se, automaticamente, a possibilidade da utilização do filme como meio ou recurso para abordar, inserir ou complementar outros conteúdos. Aqui não nos interessa, então, os casos em que o professor faz uso de algum filme para mostrar tal período da história do mundo, ou quando pretende comentar algum tema que está perfeitamente retratado em algum filme, casos em que o Cinema é um recurso para o estudo dos mais variados assuntos. Essas ocorrências, no entanto, são positivas, já que às vezes há certo afastamento desse tipo de atividade, devido à ideia errônea de que os filmes, por serem mais facilmente acessíveis, não devem ocupar o precioso tempo em sala.

Apesar de entender que o trabalho com o Cinema como instrumento pode suscitar importantes discussões inclusive sobre seus domínios artísticos, interessa-nos mostrar que colocá-lo no centro da aula não é algo corriqueiro. No entanto, por ter se tratado de um projeto interdisciplinar com uma liberdade maior em termos de conteúdo lecionado, é interessante mostrar, aqui, os benefícios de estudar com os alunos o Cinema com maior profundidade.

Como reforça Wagner (2012), “o cinema, unido às outras artes, formando uma síntese, assume assim uma importância atual na educação, deixando de ser apenas um fator de recreação para se tornar partícipe da educação integral” e, para que isso ocorra de forma mais eficaz, é papel do professor, quando insere esse tema a uma classe, sair da zona de conforto de seus alunos e mostrar que na arte do cinema podem ser encontrados os mais diversos tipos de filmes, e que a profundidade deles vai muito além dos pixels vistos na tela.

É importante, então, que o professor seja capaz de mostrar toda a teia de significados, intenções e contextos por detrás dos bons filmes, fazendo com que os alunos enxerguem que a estrutura de um filme não se encerra no enredo, e que a interpretação e a relevância de seus temas não acabam no *the end*. O alcance de



RELICI

86

um filme importante é quase sempre duradouro, sendo que filmes como *Cidadão Kane* (Orson Welles, 1941), *2001: Uma Odisseia no espaço* (Stanley Kubrick, 1968) ou *O Poderoso Chefão* (Francis Ford Coppola, 1972), só para citar alguns, deixam suas marcas até hoje no imaginário daqueles que os viram e os sentiram profundamente.

Desse modo, o educador deve perceber que não basta permanecer, por conforto, nos filmes facilmente tragáveis, que geralmente são os mais comercializados e conhecidos pelo público (SÃO PAULO, 2009), mas que “[...] é possível apresentar filmes mais “difíceis”, raros e pouco comercializáveis, até para que a escola possa ir além daquilo que já se sabe e já viu.” (SÃO PAULO, 2009, p. 19). Dentro, então, de nossa lógica do Cinema como ponto de partida para o aprendizado, fazer uso de filmes que os alunos já conhecem pode não nos levar a nada ou quase nada, a menos que o trabalho com eles seja mais profundo e vá além do explícito (exercício feito com o filme *Monstros S.A.* (2001), em que o estudante de psicologia Arthur Pedri, convidado para um dos dias do projeto, explorou a teia de significados, arquétipos e temas ali presentes).

Fica claro aqui, portanto, que valorizamos a exibição ou apresentação de filmes pelos quais, normalmente, os alunos não cruzariam, na tentativa de inserir em seus repertórios culturais uma tradição cinematográfica significativa, para que possam, a partir disso, buscar novos títulos e novas informações por conta própria. Com isso em mente, fazer com que o aluno saiba o mínimo do que a humanidade já produziu em termos de cinema é tarefa essencial e indispensável quando focalizamos nossas aulas nesse tema.

Outro aspecto importante de se trabalhar com o Cinema na sala de aula é o fato de que, segundo John O'Connor (apud REIGADA, p. 54), os alunos consomem grande parte do seu tempo nas mídias, recebendo informação através de telas o tempo todo. Apesar, no entanto, da familiaridade que possuem com esses meios,



RELICI

87

não podemos confundi-la com sensibilidade ou compreensão crítica, nas palavras do autor; uma coisa seria consumir o filme com propósitos mais imediatos e pragmáticos (para preencher o tempo livre, para distrair, para divertir), e outra, assisti-lo com fins outros, que beiram a experiência estética, crítica e sensível.

Em suma, diante da ideia de apresentar o cinema como objeto central para os seus alunos, com todos os propósitos positivos que essa arte suscita, o professor se depara com um leque rico e extremamente produtivo. Tamanha variedade na filmografia da longa lista de diretores e produtores que abrilhantaram o fim do século XIX e os seguintes jamais reduzirá o trabalho do professor a uma só matéria; é esse, então, o motivo pelo qual esse tema foi escolhido para o presente projeto, o que será explicado nas duas seções a seguir.

### **O CINEMA ENQUANTO OBJETO INTERDISCIPLINAR**

A interdisciplinaridade é um estudo que aborda outra perspectiva de correlacionar os estudos e as disciplinas entre si, de maneira que elas não sejam entendidas/vistas de maneira fracionada, mas sim como uma associação dos mais diversos conhecimentos. Diante disso, a interdisciplinaridade “[...] busca responder à necessidade de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento” (THIESEN, 2008). Mas, ainda sim, é difícil dizer com propriedade que a interdisciplinaridade tem somente essa definição, já que os mais diversos autores a definem de diferentes formas.

Pensar essa forma de abordar os ensinamentos das disciplinas faz com que o educador comece a pensar e questionar, principalmente, o método tradicional vigente nas escolas, visto que esse demonstra uma ideia reducionista de disciplinas isoladas. Por consequência disso, a interdisciplinaridade também é uma forma do professor se reinventar e observar a sua função diante do conhecimento e do futuro de seus alunos (JAPIASSU, 1976, apud FEISTEL; MAESTRELLI, 2009).



RELICI

88

A partir desse conceito de interdisciplinaridade explanado acima, pode-se considerar o fato de que os mais diferentes conteúdos podem ser abordados dessa mesma forma. Um exemplo de assunto que poderia ser entendido e estudado como interdisciplinar seria a abordagem do tema cinema, visto que esse, com o uso dos filmes, pode trazer à tona múltiplas asserções nas disciplinas, as quais podem ser estudadas associadamente.

O cinema, como dito anteriormente, é uma arte que faz o uso de um tipo específico de linguagem, sendo ela a “linguagem cinematográfica”, e isso não

impede o professor e o pesquisador de utilizarem um filme como documento para pensar a sociedade, a história, as ciências, a linguagem. Mas, antes de tudo, um filme é um filme, um documento diferente do texto escrito, da iconografia, do gráfico. Um filme é um ramo da Arte que não é um livro, um quadro, uma peça musical ou teatral, embora possa dialogar com todos esses veículos e linguagens (SÃO PAULO, 2009, p. 14).

Diante disso, e do fato do cinema poder se relacionar com todos esses veículos e linguagens, admitimos que seja um objeto interdisciplinar. Isso ocorre, conforme São Paulo (2009), pelo filme ser um documento que auxilia no pensar sobre a nossa sociedade atual, a história, a ciência, a linguagem e, conseqüentemente, outras questões como geografia, filosofia, artes, estética, entre outras.

Dessa forma, “ensinar, então, segundo uma perspectiva interdisciplinar e, portanto, tendo em vista trabalhar com objetos complexos, envolve, no mínimo, sair dos limites fixos das previsibilidades disciplinares e lançar-se nas zonas movediças das incertezas” (SILVA; PINTO, 2009). Inserindo essa discussão no tema cinema, pode-se pensar na inserção dos alunos com outros gêneros de filmes e com outros olhares sobre aquilo que, para eles, poderia ser apenas um objeto de prazer e de descontração.

De acordo com Wagner (2012, p. 10),

o cinema é uma arte multidisciplinar e não foi por acaso que foi denominado a sétima arte, pois contém literatura, teatro, arquitetura, pintura, escultura,



RELICI

89

música e proporciona oportunidades de os estudantes aprenderem sobre o passado, o presente e verem o futuro projetado na tela.

O ensino interdisciplinar, de acordo com Wagner (2012), faz com que o aluno tenha mais interesse sobre o tema, tornando o assunto estudado em sala de aula mais intrigante para o estudante. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, também faz com que as disciplinas sejam vistas de maneira conjunta e não isolada, e, por consequência desses dois fatores acontecerem simultaneamente, aspira a uma “[...] formação intelectual, ética e cidadã dos estudantes” (WAGNER, 2012, p. 36).

Em suma, “a escola é um espaço no qual o ensino pode ser ampliado, complementado e compreendido com outras linguagens” (SÃO PAULO. 2009), ou seja, dentro desse ambiente escolar se pode ter uma diversidade de conhecimento por meio dos mais variados métodos e linguagens. A linguagem apresentada neste artigo é a linguagem cinematográfica, que, além de despertar o interesse dos alunos, expõe e auxilia para um direcionamento de aprendizagem interdisciplinar, o que demonstra que os conhecimentos ensinados por meio das disciplinas isoladas podem estar em consonância e serem abordados mutuamente.

## **O PIBID E O PROJETO**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, doravante PIBID, é uma bolsa para graduandos de cursos de licenciatura oferecida pelo Ministério da Educação, Fundação CAPES. A partir dessa bolsa institucional, os acadêmicos dos cursos de licenciatura podem ter uma iniciação e experiência com a sala de aula e os alunos, com o auxílio de uma coordenadora e de uma professora supervisora.

Diante dessa proposta, esse programa tem como objetivo “[...] promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob



RELICI

90

orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola” (BRASIL, 2008), sendo que existem subprojetos de diferentes cursos e áreas do conhecimento, como o PIBID de Biologia, Letras, Matemática, Interdisciplinar, entre outros.

O PIBID Interdisciplinar é o subprojeto que, grosso modo, trabalha com a ideia de relacionar e correlacionar as mais diversas disciplinas em seus encontros, como explanado anteriormente; para isso, escolhemos os temas e trabalhamos com eles de forma interdisciplinar, sendo o Cinema o objeto principal dos estudos e das aulas. A partir disso, trabalhamos diversos assuntos e contextos, percorrendo disciplinas como a História, Português, Geografia, Artes, Estética, etc.

O projeto que aqui se relata foi trabalhado com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, da Escola Pascoal Meller, em Criciúma/SC e foi intitulado de “Cine 801: Luz, câmera e ação!”. No decorrer do projeto foram mostrados e exemplificados alguns conceitos gerais para a introdução do tema, como os gêneros de filmes que existem, as durações (curta, média, longa), bem como elementos externos ao filme propriamente dito, como o trailer, a resenha, o cartaz informativo e etc.

Já que seria o Cinema o objeto principal das aulas, o exercício feito no projeto foi metalinguístico, sendo que, em todas as aulas, fizemos uso de filmes, trailers, resenhas em forma de vídeo dos conteúdos trabalhados, para que os alunos pudessem ter a experiência empírica de visualização dos objetos em análise. Infelizmente, devido ao curto período de tempo de que dispúnhamos, os filmes não puderam ser mostrados por inteiro, exercício que seria mais proveitoso, já que trechos de filmes ou livros nunca dão conta de mostrar a obra por completo, acabando sempre por deixar de lado fatores essenciais e decisivos para a compreensão do todo. No entanto, conforme o interesse dos alunos pelos filmes apresentados aumentava, incentivemo-los a assisti-los por completo em casa.



RELICI

91

Diante disso, com a utilização da história do cinema, conseguimos abordar temas como algumas das guerras, períodos como o Nazismo, visto que os filmes eram utilizados como propagandas de guerras. Ao mesmo tempo, abordamos os aspectos culturais e artísticos que apareciam nos filmes, já que eram produzidos, dirigidos ou filmados em lugares diferentes. Com isso, foi possível situar os alunos em relação ao cinema no mundo e, conseqüentemente, mostrar que Hollywood, mesmo que seja o mais conhecido, não é o único palco dessa arte.

Outro tema que foi abordado e exemplificado nas aulas foram curiosidades e formas como os filmes eram produzidos, desde o tipo de câmera e local que eram gravados até o tipo de fonte que os roteiristas utilizavam, usadas para darem uma ideia de quantos minutos o filme completo teria. Assim, pudemos trabalhar com a escrita de roteiro com os alunos e fazer com que eles tivessem contato com esse tipo textual. A partir dessa escrita, como uma finalização para todo o estudo do cinema, nós, juntamente com os alunos, produzimos um curta-metragem do conto “Sexa”, escrito por Luís Fernando Veríssimo, inserido no livro Comédias para se ler na escola.

## CONCLUSÃO

Trabalhar com um tema não tão familiar mas altamente amplo e complexo, como é o caso do Cinema, foi e tem sido um desafio para as *pibidianas*. Para poderem lecionar sobre o assunto foi necessário um estudo prévio, mas também processual, dos elementos que consistem o Cinema e que fazem dele a sétima arte. A partir disso, trazendo à tona um dos objetivos do PIBID, que é a preparação do futuro docente, viu-se que as acadêmicas tiveram um avanço considerável em termos de formação acadêmica, visto que conheceram um pouco mais de um tema tão importante quanto o cinema e tiveram a oportunidade de colocá-lo no plano da didática, descobrindo formas de ensiná-lo para seus alunos.



RELICI

92

Apesar de perceberem que, em projetos futuros, há ainda alguns aspectos a serem melhorados, há que se levar em consideração que, a partir do objetivo principal do projeto, as acadêmicas mostraram uma nova possibilidade de fazer uso do cinema em sala de aula e conseguiram, de certa forma, ampliar os olhares dos alunos com relação ao cinema e ao fato de os filmes terem mais de uma dimensão. Perceberam, então, avanço na forma como seus alunos passaram a criticar os filmes e, principalmente, no valor que começaram a dar-lhes, o que, por si só, já cumpre com a maioria do que elas haviam proposto no início.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Capes. **Ministério da Educação. PIBID:** Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

FEISTEL, Roseli Adriana Blümke. MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. **Interdisciplinaridade na formação de professores de ciências naturais e matemática:** algumas reflexões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis: 2009. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienepec/pdfs/960.pdf>> Acesso em: 22 fev. 2018.

FERREIRA, Carlos Melo. **Cinema:** uma arte impura. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

REIGADA, Tiago. **Ensinar com a sétima arte:** o espaço do cinema na didática da História. Porto: Edições Afrontamento.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **Caderno de cinema do professor:** dois. São Paulo: FDE, 2009. Disponível em: <[http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno\\_cinema2\\_web.pdf](http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf)> Acesso em: 21 fev. 2018.

SILVA, Luíza Helena; PINTO, Francisco. Interdisciplinaridade: As Práticas Possíveis in: Revista Querubim – Revista Eletrônica de Trabalhos Científicos – Letras, Ciências



RELICI

93

Humanas e Ciências Sociais, 2009. Disponível em: <[http://cpa.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/interdisciplinaridade\\_\\_entre\\_teorias\\_e\\_prticas.pdf](http://cpa.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/interdisciplinaridade__entre_teorias_e_prticas.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2019.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545-554, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782008000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 fev. 2018.

WAGNER, Antonio Carlos. **Cinema: A arte interdisciplinar**. 2012. 58 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95934/000911698.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 22 fev. 2018.